



ID: 68428804

01-03-2017 | Educação e Formação Profissional

FOTOS: FIGUEIREDO

“REGIME FUNDACIONAL É ABSOLUTAMENTE DESINTERESSANTE E COM ALGUMAS DESVANTAGENS”

regras são cada vez mais complexas. Aquela ideia de que os fundos regionais existem para as ideias boas de desenvolvimento para as regiões e para o país tem pouco a ver com a realidade. A realidade dos fundos estruturais... é uma construção quase kafkiana. Houve alguém iluminado que decidiu como se gastar o dinheiro para o desenvolvimento. Quando aparece alguém com uma boa ideia, mas que não encaixa nas regras, regrinhas e regretas, não as consegue financiar. Uma universidade que tem como característica central dispor de pessoas com capacidade de ter ideias novas, que rasgam horizontes, que abrem perspectivas... só por um milagre é que conseguem integrar naquilo que alguém definiu como regras de acesso a esses fundos. Continuamos a recorrer a fundos comunitários, quando podemos, mas de uma forma muito mais limitada do que aquilo que poderia ser.

O Governo também não tem facilitado muito a autonomia da UC...

Houve o acordo com o Conselho de Reitores, mas não teve ainda o impacto no sentido da autonomia. A única coisa que teve de impacto, que é positivo, foi não fazerem mais cortes. Agora, acréscimos de autonomia ainda não aconteceram.

Por falar em autonomia. O que é que a comunidade académica ainda não percebeu sobre o regime fundacional?

O regime fundacional tem, logo à cabeça, um nome muito mal escolhido. Nunca achei graça. As fundações clássicas, como a Gulbenkian, ligadas a empresas e a outras entidades não têm nada a ver com as fundações universitárias. Não têm nenhum fundo cujo rendimento lhes permita fazer o que quer que seja. Vivem do Orçamento de Estado, como as outras, e têm necessidade, como as que não estão no regime, de encontrar receita por projectos de investigação, prestações de serviços especializados, propinas, receitas do turismo e estudantes internacionais.

Que vantagens tem, então?

Com toda a clareza, preferia largamente que se tivesse seguido pelo caminho da autonomia reforçada, que João Filipe Queirós, então secretário de Estado do Ensino Superior, tentou promover. Dava mais autonomia às



João Gabriel Silva preside hoje, pela sétima vez, enquanto reitor, a uma sessão solene do Dia da Universidade de Coimbra e mantém o “optimismo” de 2011

ENTREVISTA OS ESTUDANTES INTERNACIONAIS E O “PISCAR DE OLHOS” À CHINA. AS DIFICULDADES DOS FUNDOS ESTRUTURAIS, QUE NÃO FINANCIAM AS OBRAS NO ESTÁDIO UNIVERSITÁRIO E OS “EQUÍVOCOS” DO REGIME FUNDACIONAL SÃO TEMAS ABORDADOS POR JOÃO GABRIEL SILVA NO DIA DA UNIVERSIDADE

Ana Margalho

Diário de Coimbra Preside, pela sétima vez, ao Dia da UC. Em 2011, falou em optimismo. Que mensagem deixará nos 727 anos da UC?

João Gabriel Silva Continuo com optimismo. AUC tem conseguido encontrar e solidificar o caminho essencial para passar bem os desafios do futuro, que passam por ser cada vez mais internacional e com cada vez mais capacidade de atracção de pessoas, estudantes em particular, de outras proveniências, porque os “nativos” são em número decrescente.

Há um ano falou no aumento de 30% de estudantes internacionais. A tendência tem-se mantido?

Tem vindo a aumentar sucessivamente e continua a aumentar. A primeira fase de candidaturas está a terminar e os resultados são bastante bons. Naturalmente, com incidência muito particular no Brasil. Temos três tipos de estudantes vindos do Brasil: os que vêm em programas de mobilidade, e esses têm-

-se mantido em número relativamente estável; os que têm bolsa do governo brasileiro, e esse número tem vindo a crescer bastante, porque os cortes orçamentais no Brasil estão muito intensos. Há ainda os que vêm a expensas próprias, e esse número está a aumentar. Em resumo, temos vindo a compensar a diminuição dos “bol-sistas” pelos estudantes autopropostos, o que faz com que o número global seja relativamente estável, à volta de dois mil alunos brasileiros. Temos feito um esforço grande de divulgação no Brasil, mas também na China. Somos, de longe, a universidade portuguesa com mais presença e com uma actividade mais continuada e persistente nestes dois países, e está a dar frutos.

A campanha na China foi anunciada há um ano. Já há resultados?

O número está a crescer. O ponto de partida era pequeno, mas o crescimento é elevado. Temos centenas de estudantes chineses a aprender Português, o número dos que estão a tirar

o curso é ainda relativamente pequeno, de poucas dezenas. Mas, ainda há poucos anos era de quase zero... Essencialmente, estamos a tentar explicar aos estudantes chineses que faz sentido para a carreira deles tirar um curso em Português, mas que podemos oferecer a aprendizagem do Português e também uma área do conhecimento como o Direito, a Engenharia, a Economia, ou outros. É uma proposta adicional de carreira muito interessante para os chineses. E é, essencialmente isso que os está a trazer cá.

Os estudantes internacionais, mas também o Turismo, têm sido as principais fontes de receita da UC...

Receitas novas, sim. Representarão 6 a 7% do orçamento da UC. A sua importância é decisiva. Quando se está no limite, uma diferença pequena é uma diferença grande. E isso que está a permitir-nos tomar iniciativas. Por exemplo, estamos a lançar concurso para um conjunto de professores para tentar reverter o envelheci-

”

Continuamos com uma “viscosidade”, grande dificuldade de acesso [a fundos estruturais] porque as regras são cada vez mais complexas

Apresentar o reitor como um defensor feroz do regime fundacional é um equívoco completo



mento do corpo docente. Isso só é possível graças a esse acréscimo de receita. De resto, em termos de volume financeiro, os projectos de investigação são de volume muito mais elevado do que os estudantes internacionais ou o turismo. E aí continuamos a progredir bastante bem, embora estejamos dependentes das oscilações das estruturas de financiamento: FCT e fundos estruturais, que estão com dificuldades de arranque significativas.

Foi crítico em relação à forma como estão a ser geridos os fundos comunitários. Já houve alguma mudança?

Nem por isso. Os fundos vêm para Portugal por causa das regiões menos desenvolvidas. Depois, são divididos em várias fatias: a fatia pequena fica nas CCDR e a grande é gerida por Lisboa, onde temos muita dificuldade em encontrar interlocutores que percebam as necessidades da região. E aí a situação não melhorou grande coisa. Continuamos com uma “viscosidade”, uma grande dificuldade de acesso, porque as



ID: 68428804

01-03-2017 | Educação e Formação Profissional

universidades sem estar com papões ou fantasmas das fundações que só geram equívocos. Para algumas pessoas a fundação significa a privatização da UC e não tem nada a ver. As universidades fundação são tão públicas como as que não são. Aliás, a lei diz que as universidades fundação deviam ter financiamento reforçado em relação às que não são, e não o contrário, porque as universidades que entram neste regime são as mais capazes de ter iniciativa, encontrar caminhos novos, atrair os melhores professores e, portanto, o Estado deve ajudá-las.

Mas esse financiamento adicional não chegou a existir...

É verdade, nunca chegou a haver financiamento adicional. São iguais às outras. Neste momento, as vantagens são relativamente pequenas e, como digo, eu preferia largamente – e nunca fiz segredo disso – que conseguíssemos autonomia sem ter de recorrer ao regime fundacional que, para mim, é uma coisa absolutamente desinteressante e que, aliás, tem algumas desvantagens.

Há quem critique o Conselho de Curadores...

É verdade, são elementos exteriores, mas escolhidos pela UC e espera-se que a UC saiba escolher bem. Há uma coisa que me desagrade na argumentação, que é dizerem: “eles são desinteressantes porque são ex-



Fundos comunitários não têm 2,5 milhões para o Universitário

teriores”. Lembra-me visões da universidade fechada sobre si própria, com as quais não concordo. A presença de elementos externos no Conselho Geral foi muito boa para as universidades. A ideia de que, como são exteriores, são negativos, não corresponde à verdade. Até me surpreende que pessoas que se dizem mais progressivas defendam uma perspectiva fechada da UC, sobre si própria, sem ouvir os que estão de fora. O Conselho de Curadores não é nenhum papão, mas, repito, o regime fundacional não é a solução que preferiria... embora dê um pouco mais de autonomia à UC, mantendo-a, obviamente, como escola pública. Não há aqui privatização de tipo algum.

Mas defende esta solução?

Ninguém me ouviu a dizer que sou a favor do regime fundacional. O que propus ao Conselho Geral, e este aprovou foi

que se debatesse. Quando tantas universidades, das mais desenvolvidas do país, já são fundação – sobra Coimbra e Lisboa – é lógico que o assunto seja debatido. E isso é o que tenho dito: o assunto deve ser debatido. Dormirei tão bem se a UC entrar no regime fundacional ou se decidir não entrar. Não percebo como é que se apresenta o reitor como sendo alguém que defende ferozmente o regime fundacional. É um equívoco completo. Tenho falado várias vezes sobre esta matéria, sempre no mesmo sentido. Repito, preferiria que tivéssemos a autonomia reforçada, em vez de fantasmas suscitados pela palavra fundação.

Este ano é decisivo para os EUSA Games. Está otimista em relação à recuperação do Estádio Universitário?

Vamos conseguir requalificá-lo para receber os jogos com dig-

nidade. Agora, não escondo que está a ser muito difícil obter o dinheiro necessário para isso. A requalificação de uma infraestrutura desportiva com nível elevadíssimo de utilização como o Universitário, é considerada prioridade negativa. Portanto, a capacidade de ir buscar dinheiro aos fundos estruturais é muito pequena. Uma coisa garanto, vamos conseguir fazer aquilo, nem que seja só com meios da UC. É inacreditável que se desperdice tanto dinheiro em eventos internacionais e que quando estamos a falar no maior evento multi-desportivo de sempre em Portugal, com cinco mil atletas, haja a possibilidade de não termos apoio exterior ou termos apoio quase nominal. Isso é coisa muito difícil de explicar ao país, à UC e a Coimbra.

Estamos a falar de quanto?

Indispensável para os Jogos Universitários é cerca de 2,5 milhões de euros. Uma brincadeira, comparada com as centenas de milhões gastas nos estádios de futebol. Trata-se da recuperação de um equipamento com um nível de utilização enorme, que continuará intensamente utilizado depois dos jogos. E com um nível de investimento quase ridículo. Mas o actual quadro comunitário não permite. Quem definiu os termos da aplicação deste quadro comunitário é que achou que estas coisas eram más. ☹



ESPECIAL DIA DA UNIVERSIDADE

727 ANOS: TEMPO PARA A UC QUESTIONAR QUEM É

“QUEM SOMOS?” UC ASSUME O DESAFIO DE INSPIRAR-SE EM 727 ANOS DE HISTÓRIA PARA PREPARAR O FUTURO, COMO UNIVERSIDADE CADA VEZ MAIS INTERNACIONAL